

Declaração final do XVI Encontro do Foro de São Paulo

Buenos Aires, 20 de agosto de 2010

O Foro de São Paulo celebra vinte anos de existência. Neste momento, valorizamos o vigor deste espaço de unidade, solidariedade internacionalista, intercâmbio e cooperação entre os partidos e organizações políticas de esquerda da América Latina e do Caribe, que em seu XVI Encontro continua se fortalecendo como expressão do novo quadro político vivido por nossa região.

A América Latina e Caribenha vive mudanças profundas. Entre essas mudanças, destacam-se as ações dos governos de esquerda e progressistas, que desde 1998 estão edificando mais democracia e mais qualidade de vida para as maiorias populares antes excluídas, assim como mais soberania nacional e integração continental entre países que antes estavam submetidos isoladamente às ameaças de império.

Entre as diferentes expressões da integração latino-americana e caribenha, ressaltam a Aliança Bolivariana para os Povos da América Latina (ALBA) e seu trabalho solidário; a União de Nações Sul-americanas (UNASUL), que jogou um papel extraordinário contra aqueles que queriam dividir a Bolívia e a favor da reconciliação entre as irmãs nações da Colômbia e da Venezuela; e a Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC), um escalão superior na dinâmica de integração, que de alguma maneira recolhe os postulados originários dos pais e mães fundadores da Nossa América.

As mudanças na nossa região têm como pano de fundo a crise do capitalismo neoliberal e a deterioração da hegemonia estadunidense. A crise do capitalismo é profunda e ainda não está superada. Como resultado disso, mas também do nosso trabalho, o Estado, os interesses nacionais, a solidariedade, a integração regional e o socialismo se fortalecem como alternativas das sociedades frente aos descabros do modelo de sociedade de mercado. Ao mesmo tempo, o multilateralismo e a multipolaridade vão se fortalecendo como alternativas ao unilateralismo imperial.

Os movimentos sociais, os partidos progressistas, democráticos, populares, nacionalistas, de esquerda, nossos parlamentares e governos locais, estaduais e nacionais tiveram uma participação decisiva nessas mudanças. Sem a nossa intervenção,

poderia acontecer o que acontece em outras regiões do planeta, onde a crise do neoliberalismo abre espaço para soluções conservadoras.

Este é o grande êxito do Foro de São Paulo, criado em 1990, no contexto da ascensão neoliberal, da crise do socialismo no Leste Europeu e do unilateralismo imperial dos Estados Unidos. Resistimos, lutamos, apresentamos propostas, defendemos nossas ideias, estamos realizando governos transformadores e estamos vencendo aqueles que falaram em pensamento único e fim da história.

As forças conservadoras nos nossos países e seus aliados externos não aceitam esta situação e fazem o possível para deter e reverter os avanços das esquerdas. Para esse fim, dispõem de todos os meios: as campanhas midiáticas e eleitorais, os golpes, o bloqueio econômico e as pressões militares.

O XVI Encontro do Foro de São Paulo ocorre em meio ao transcurso da luta política entre os setores populares e a direita, que é a marca dos últimos anos, na disputa acirrada pelos rumos do nosso continente. No último período, junto a movimentos de contra-ataque postos em marcha pela direita e pelo imperialismo estadunidense, persiste a iniciativa das forças de esquerda. Prossegue, com importantes avanços, o processo de integração sul e latino-americano. Em 2009, observaram-se as reeleições presidenciais na Bolívia e no Equador; no Uruguai a Frente Ampla obteve nova vitória e em El Salvador a FMLN foi vitoriosa.

Nesses e noutros países, como México e Peru, o Foro de São Paulo joga um papel positivo na unidade das forças populares e de esquerda.

Para derrotar o contra-ataque das direitas e do imperialismo, para continuar avançando, o XVI Encontro do Foro de São Paulo indica como tarefas fundamentais para os partidos e organizações de esquerda e progressistas da América Latina e do Caribe:

ampliar a unidade dos partidos progressistas, populares e de esquerda;

consolidar as conquistas e não ceder nenhum espaço para a direita;

aprofundar as mudanças nos países que governamos; apoiar os partidos de esquerda que ainda não são governo na região;

derrotar o contra-ataque da direita; acelerar o processo de integração;

fazer deste ciclo de governos progressistas e de esquerdas o ponto de partida para um novo modelo de desenvolvimento para a América Latina e o Caribe.

Estas foram algumas das principais conclusões do XVI Encontro do Foro de São Paulo, que se realizou de 17 a 20 de agosto de 2010, em Buenos Aires, Argentina, com a presença de 600 delegados e delegadas, convidados e convidadas de 54 organizações, provenientes de 33 países.

O Foro incluiu, além dos plenários, oficinas temáticas: sobre parlamentares; autoridades estaduais e locais; fundações e escolas ou centros de capacitação; políticas de defesa regional e continental; meio ambiente e mudança climática; movimentos sociais (contra a criminalização); trabalhadores da arte e da cultura; democratização dos meios de comunicação; segurança, delinquência organizada e direitos humanos; soberania nacional e descolonização; migrações (Declaração de Los Angeles, Lei Arizona, leis europeias); encontro de gênero; II Encontro de juventudes; Regional Andino-amazônica; Regional Cone Sul; Regional Mesoamericana e Caribenha, cujas conclusões principais são objeto de resoluções especiais aprovadas pelo XVI Encontro.

O XVI Encontro sugere a inclusão na agenda do Foro da temática racial, na perspectiva de formalizar a cooperação política entre os movimentos e os partidos que integram o Foro, com o propósito de universalizar a luta contra o racismo e a xenofobia em todas as suas expressões, por todos os cantos da América Latina e do Caribe.

Reconhecemos o papel estratégico da cultura na luta política, como um direito humano inalienável, como um bem superlativo para os nossos povos e tendo a educação como um grande aliado e o único caminho possível em sua defesa. Um dos principais ativos da América Latina e do Caribe é nossa diversidade cultural, já que a cultura é um bem inesgotável.

A estratégia contra insurgente dos Estados Unidos acarretou a intervenção militar e a militarização da segurança pública nos países da América Latina, sob o argumento da luta contra a real ação e violência das bandas delinquentes e do narcotráfico que puseram em estado de crise humanitária os nossos povos e que são protegidas, política e financeiramente, pelas próprias elites dominantes às quais servem.

Por isso, o FSP convoca os partidos, governos e movimentos democráticos e de esquerda a abrirem os espaços para o debate e formulação de ideias e propostas em vistas à construção de uma política regional integral antidrogas que seja apresentada perante o XVII Encontro do Foro de São Paulo.

O Foro abordou o tema do colonialismo na região caribenha e aprovou a decisão de levar o caso colonial de Porto Rico para a Assembleia Geral das Nações Unidas, comparecendo com uma delegação perante o Comitê de Descolonização.

O XVI Encontro do Foro de São Paulo, realizado em Buenos Aires de 17 a 20 de agosto de 2010, expressa sua plena solidariedade com a demanda argentina pela descolonização dos arquipélagos das Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, ocupadas pela Grã Bretanha desde o século XIX; apoia as resoluções das Nações Unidas que instam ambas as partes em conflito a iniciarem de imediato as negociações – às quais a Coroa Britânica vem se negando sistematicamente – tendentes a por um fim nessa rêmora do passado colonial particularmente anacrônica neste século XXI, quando várias nações celebram o Bicentenário da gesta independentista que as viu nascer como repúblicas.

O Encontro do Foro de São Paulo expressa sua profunda preocupação pelo estabelecimento da grande base militar da OTAN de Mount Pleasant, na Ilha Soledad, que constitui um perigo para todos os povos e países da região e contradiz abertamente a resolução da ONU que exige fazer do Atlântico Sul um oceano de paz e cooperação; e adverte que a presença dessa fortaleza militar na Ilhas Malvinas foi e é um fato de força esgrimido pelo governo britânico para continuar negociando com grandes empresas transnacionais a concessão de licenças de pesca e de exploração de petróleo, o que constitui uma ação ilegal por se tratar de um território em disputa de soberania.

O Foro teve a oportunidade de compartilhar com a presidenta da República Argentina, Cristina Fernández e com outras autoridades do governo argentino, através de quem transmitimos o nosso agradecimento ao povo e aos setores populares argentinos pela calorosa recepção oferecida ao XVI Encontro do Foro de São Paulo.

O Foro prestou homenagem à vida exemplar da heroína porto-riquenha Lolita Lebrón, consciência sublime da luta centenária do continente latino-americano e da luta do povo porto-riquenho por sua libertação nacional.

O XVI Encontro do Foro de São Paulo prestou homenagem ao destacado dirigente comunista do Chile, Luis Corvalán, que foi protagonista durante quase 40 anos de fatos notáveis da história chilena, que já estão inscritos como parte inerente das nossas lutas, e com uma contribuição para a libertação dos povos da América e que continuarão repercutindo e influenciando nas nossas lutas por muito tempo.

O XVI Encontro do FSP também rendeu uma afetuosa homenagem a um grande pensador e revolucionário venezuelano, como foi Alberto Muller Rojas, quem se desempenhou em vida como primeiro vice-presidente do Partido Socialista da Venezuela (PSUV).

O FSP manifestou ainda a sua solidariedade com as forças revolucionárias e socialistas da Venezuela e auguram uma contundente vitória nas eleições legislativas que terão lugar no próximo dia 26 de setembro.

O Foro fez uma homenagem também a Tomás Borge por ocasião de seu aniversário e decidiu que a sede do XVII Encontro será a cidade de Manágua, Nicarágua.

O Foro recebeu ainda Manuel Zelaya e decidiu incorporar ao Foro de São Paulo a Frente Nacional de Resistência Popular (FNRP).

Muitas foram as mensagens recebidas durante os quatro dias de Foro, entre as quais destacamos as do Partido Comunista de Cuba. O Foro reafirma nossa solidariedade com Cuba, a condenação ao bloqueio, a demanda pela libertação dos cinco heróis.

O Foro recebeu mensagem do presidente Lula, do Brasil, e expressa seu apoio e esperança na vitória eleitoral das forças progressistas nesse país.

Parte importante das reflexões do XVI Encontro do Foro de São Paulo foi dedicada ao tema da paz.

A situação internacional se caracteriza por novas ameaças de guerras, não obstante o rotundo fracasso das investidas imperialistas no Iraque e Afeganistão. Rejeitamos firmemente o caminho da guerra imperialista e levantamos a bandeira da paz e o diálogo no conflito das potências imperialistas contra o Irã e outros países ameaçados pelos EUA e a OTAN.

Compartilhamos das vozes que alertam o mundo sobre os riscos de um conflito militar de gravíssimas consequências, motivo pelo qual saudamos a recente assinatura do Acordo de Teerã, entre Brasil, Turquia e Irã, em defesa do direito, consagrado nas normas internacionais, de domínio da tecnologia para a produção de energia nuclear com fins pacíficos por parte de países em desenvolvimento.

E convocamos a uma forte mobilização pela paz na América Latina e no Caribe.

O Foro de São Paulo se pronuncia pela retirada de todas as bases militares estrangeiras da América Latina e do Caribe, condição sine qua non para a preservação da paz na região.

A paz no mundo está ameaçada pela estratégia dos Estados Unidos, que tenta compensar o seu declínio ideológico, político e econômico com o recurso da ação militar, campo no qual continuam tendo uma hegemonia incomparável.

Na América Latina e no Caribe, a estratégia dos Estados Unidos é representada pelo Plano Colômbia, as bases militares antigas e novas na região, a reativação da IV Frota, assim como a presença dos serviços de inteligência e policiais, sob pretextos vários.

A solução política negociada para o conflito armado colombiano se constitui numa prioridade para a paz regional e para o avanço dos governos progressistas e de esquerda. Em consequência, o Foro de São Paulo se compromete a impulsionar uma ação decidida com os governos e movimentos sociais na região. Em especial buscará que a UNASUL desempenhe um papel de facilitação ou mediação.

O Foro de São Paulo reafirma que as saídas militares não solucionam o conflito de várias décadas, muito pelo contrário, aumentam a crise humanitária que padece o povo colombiano. Mais de quatro milhões de deslocados e refugiados, centenas de milhares de desaparecidos e assassinados, valas comuns, detenções arbitrárias, ameaças e ataques aos movimentos sociais e aos partidos de oposição política.

Para o Foro de São Paulo, é necessário que se respeite o Direito Internacional Humanitário e os Direitos Humanos, que se acabe com a prática do sequestro, da desaparecimento forçada, das detenções arbitrárias e se avance na libertação de pessoas retidas e na concretização de acordos humanitários. É igualmente necessário que se

garantam os direitos das vítimas à verdade, à justiça, à reparação e à não repetição, bem como à devolução das terras despojadas.

O Foro de São Paulo defende um plano de paz que se fundamente numa saída política negociada e justa para o conflito interno colombiano, que inclua:

a imediata libertação de todos aqueles que foram privados de sua liberdade com motivo do conflito político;

o fim das hostilidades; a agenda humanitária;

uma negociação com mediação externa.

Outrossim, o Foro de São Paulo manifesta o seu respaldo ao restabelecimento das relações entre Colômbia e Venezuela. O Foro de São Paulo faz parte do esforço pela paz, dispondo-se a cumprir o papel que as partes diretamente envolvidas julgarem adequados.

O tema da defesa regional e continental passa a constituir uma das dimensões do processo de integração regional. Em especial saudamos o surgimento do Conselho Sul-americano de Defesa, no âmbito da UNASUL. Denunciamos o papel e a presença de atores extrarregionais – notadamente do imperialismo estadunidense – como fator de instabilidade em matéria de segurança e defesa na nossa região. Rejeitamos a existência de bases militares estrangeiras na América Latina e no Caribe e reafirmamos a proposta de que a nossa região se constitua numa zona de paz. Por fim, saudamos o processo de renovação doutrinal no pensamento estratégico dos países dirigidos por forças progressistas e apoiamos a ideia, no âmbito da UNASUL, de afirmação de um pensamento geopolítico autóctone, que valorize as nossas independências e soberanias nacionais.

O Foro de São Paulo nasceu num momento no qual o neoliberalismo parecia invencível. Hoje, quando se realiza a comemoração do Bicentenário dos numerosos processos independentistas latino-americanos e caribenhos, podemos afirmar que o FSP é uma iniciativa bem-sucedida.

Nosso sucesso não reside em que tenhamos conseguido alcançar todos os nossos objetivos. Ainda estamos longe disso: um exemplo é a situação do Haiti, para o qual o Foro de São Paulo convoca à solidariedade internacional.

Nosso êxito reside em que contribuímos não somente a construir a época de mudanças em que estamos, mas principalmente porque escolhemos um caminho que está nos levando a construir uma mudança de época.

Um caminho baseado na resistência ao capitalismo neoliberal, na valorização da democracia, na construção de um novo modelo econômico-social de desenvolvimento, em novas formas de governar, em defesa do socialismo e na percepção de que a unidade das esquerdas, em todas as suas diversas expressões, é uma condição essencial para a nossa vitória.

Viva os povos latino-americanos e caribenhos! Viva o Foro de São Paulo!

Buenos Aires-Argentina, 20 de agosto de 2010